

Estratégias de Desenvolvimento Humano: A Escola e os Professores

Daniel Marques da Silva

Ernestina Batoca da Silva

Susana André

Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

"O rosto do homem é uma proposta da humanidade que exige da acção educativa um sério compromisso com a História, que também os educadores constroem".

G. Kneller

Introdução

Ao participarmos em mais um Encontro da AULP, subordinado ao tema Direito, Cidadania e Desenvolvimento quisemos colaborar e partilhar a nossa experiência, trazendo esta pequena comunicação sobre "Estratégias de Desenvolvimento Humano". É importante o debate, e por isso associamo-nos nesta temática "Pesquisa e Estratégias de Desenvolvimento", convergindo para a mobilização e reafirmação da importância da promoção da educação e da cidadania e, da reflexão sobre os modelos de desenvolvimento humano.

Tentaremos condensar algumas ideias, seguros de que estaremos a contribuir para a reflexão sobre algumas questões com que os professores se confrontam. Ao pensarmos sobre a nossa experiência enquanto professores, interrogamo-nos e lançamos ao mesmo tempo, algumas pistas para uma reflexão mais alargada. Será que a escola se constitui como um espaço eficaz de promoção do desenvolvimento pessoal, social e ético dos estudantes? Que valores queremos promover na escola? Está a sociedade actual em crise de valores? Será que a qualidade do ensino e o sucesso dos estudantes, se traduz na transformação da pessoa como ser em construção? Será que os professores, para além de se preocuparem com o que é importante leccionar na sua disciplina, se preocupam com as estratégias para os estudantes melhor entenderem esses conteúdos? Numa dimensão ética, será que os professores se têm preocupado em encontrar espaços de debate levando os estudantes a reflectir sobre o que aprendem, encaminhando-os para a construção do seu lugar num mundo mais humano e solidário? Os professores sentem-se motivados para novos métodos pedagógicos?

Iremos reflectir, conscientes de que, com objectivos comuns, muitas são as metodologias, estratégias e os desafios de intervenção que promovem o desenvolvimento de valores humanos e sociais dos estudantes.

A Escola e a Educação em Valores

Não se pode ignorar a escola como um contexto típico de socialização do indivíduo, pois reúne condições privilegiadas para que nela se desenvolvam programas de acção que estimulam nos estudantes o desenvolvimento de competências de reflexão e de acção, indispensáveis à construção da realidade pessoal e de análise, compreensão e participação activa na sociedade, tornando-se a escola num espaço de “pedagogia do desenvolvimento” (Fonseca, 1994; 1997). De facto, é reconhecido que a escola, pela sua inserção no sistema social e pela especificidade do seu modo de funcionamento, constitui um poderoso meio de transmissão de valores, fazendo-o significativamente de modo implícito, através da dinâmica institucional que gera, das relações que facilita ou inibe, dos rituais que marcam o seu funcionamento. Com efeito, como nos diz Pedro (2002), a escola não se pode alhear dos desafios ético-morais da sociedade devendo por isso promover uma formação dos jovens de forma que desenvolvam uma capacidade crítica, de análise e reflexão, de ponderação acerca dos diferentes pontos de vista tornando-os capazes de tomar posições claras e conscientes.

A escola é um factor que desperta para a vida e não pode nessa medida, ser indiferente à questão dos valores e da cidadania. Assim, a escola pode e deve contribuir para reproduzir ou modificar o *status quo*, quer para dar continuidade ou alterar valores. Os indivíduos não são simples reflexos, efeitos ou consequências passivas da sociedade em que vivem, pois, através do conhecimento que vão tendo das circunstâncias da vida e da análise racional dos valores nelas implícitos, podem agir sobre ela. Neste sentido, a escola pode trabalhar racionalmente esses valores, contribuir para a continuidade justificada ou para a mudança racionalmente desejada, preparando os jovens para uma comunidade de responsabilidade, e levando-os a participar de forma inteligente e activa nos processos que levam a uma sociedade melhor.

A educação em valores deverá ser toda a educação, ou seja, os valores trespassam toda a educação e toda a escolaridade. Se atravessam toda a educação então eles estão em toda a parte, em todas as situações em que estão envolvidos seres humanos (Andrade, 1997).

A escola tem um lugar privilegiado para a educação neste domínio dos valores e não pode proclamar-se neutra (Marques, 2003; Blanco, 1997) pois não só os *currícula* aprovados, como também o “currículo oculto” exercerão sempre o seu poder (Entonado e Retamar, 1997).

A este propósito já Valente (1989:135) afirmava que

“o professor na sala de aula bem como a escola no seu todo, naquilo que explicita e não explicita, no que diz permitir e no que proíbe, no que incentiva e no que faz por desconhecer, ensinam aquilo que valorizam, o que acham justo e não justo, em suma, ensinam valores. O ensino dos valores não se pode evitar”.

Pode acontecer que elementos da organização escolar transmitam, por vezes, mensagens que chegam a ser contraditórias com os valores explicitados. Por exemplo um modelo de escola que fomenta relações impessoais e estimula um clima de competição e individualismo, que limita a participação, a criatividade e a cooperação, será incoerente com um currículo que proponha o desenvolvimento pessoal, social, moral e ético dos alunos, na via do altruísmo, da atitude crítica aberta e da criatividade.

Em Portugal, na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto) são apontadas três grandes metas (art. 1.º, n.º 2) na concretização do direito à educação: desenvolvimento global da personalidade; o progresso social; e a democratização da sociedade. Em todo o seu articulado são referidos valores e atitudes que concretizam estas metas:

1. Atitudes referidas ao Eu em si mesmo e das quais destacamos: autónomo, livre, responsável, sentido de iniciativa, de realização pessoal, de trabalho, curiosidade científica, espírito crítico (reflexivo) e disponibilidade;
2. Valores referidos à Alteridade do Eu, como sejam: respeito pelos outros, direito à diferença, cooperação, solidariedade, igualdade de oportunidades;
3. Referidos à Cidadania do Eu: responsabilidade social e formação cívica e moral, dimensão social do trabalho, apreço pelos valores da identidade nacional (língua, história, cultura, património), espírito e práticas democráticas;
4. Referidos à Universalidade do Eu: humanismo, cooperação internacional, abertura às culturas dos diferentes povos, solidariedade entre os povos.

Os Valores e o Desenvolvimento Humano

Na actualidade fala-se muito de crise de valores, mas esta afirmação por vezes mistura aspectos sociológicos com atitudes éticas. Rosich Pla (1997) refere que não há crise de valores se por crise entendermos a ausência de certos valores objectivos que passaram a ser minoritários na nossa sociedade pois, em contrapartida, instalaram-se os valores da cultura dominante, que com frequência é a cultura que tem o domínio dos meios de comunicação.

Parece-nos que esta crise é de “valoração”, já que os valores estão presentes porém são percebidos e apreciados de maneira diferente. Também os modos de os expressar variam com as diferenças individuais e as diversidades culturais.

De facto, o que se verifica hoje é uma falta de denúncia face ao relativismo de valores, uma falta de crítica ante o domínio imperialista de certos “valores” impostos pelo sistema, no qual os meios de comunicação social têm um papel privilegiado. Estes valores “importados” não se discutem nem se questionam, aceitam-se duma maneira conformista onde nem a tomada de consciência nem o espírito crítico têm um papel determinante (Sanchez Páscua, 1997).

A educação em valores deve ter em consideração a educação para o desenvolvimento humano e deve inserir-se no conjunto de intervenções que visam promover mudanças no sistema pessoal e capacitar os indivíduos para darem o seu contributo no processo permanente de transformação e construção pessoal e social dos valores (Campos, 1990).

Uma escola com a formação em valores éticos e sociais, como nos diz Rodriguez (1997), deve ajudar o aluno a desenvolver-se e a alcançar a maturidade pessoal, social e cívica, tendo como último objectivo a formação integral da pessoa procurando o desenvolvimento harmónico de todas as suas potencialidades.

O Professor na Educação em Valores

O exemplo do professor é de enorme importância para o desenvolvimento dos alunos: não tem sentido enfatizar tolerância e compreensão se os professores forem intolerantes e antipáticos. Transmitir valores aos outros pressupõe viver os valores que se escolhem para poder educar.

O professor é um educador e deve assumir a responsabilidade que isso implica. E a primeira delas é estar aberto ao diálogo, à crítica e à rectificação se for necessário. O estilo educativo comporta métodos de trabalho, de investigação, de estudo, de convivência e de relação pessoal que contribuem para a vivência de atitudes éticas e à reflexão sobre os valores. Se é certo que não podemos ensinar a nadar com lições magistrais, também é certo que não podemos aprender a ser justos se não praticamos e vivemos actos de justiça.

O carácter intensivo da relação pedagógica investe o professor de um papel que transcende o papel instrumental. Mais do que transmissor de saberes e técnicas, o professor enquanto educador de valores, assume-se como um modelo, como um parceiro de relação e/ou como uma autoridade.

Os professores não se podem limitar a ser docentes que, informando acerca do programa, julgam cumprir o seu dever. Ensinar não envolve apenas manter ordem na aula, despejar conhecimentos, fazer testes, dar notas. Isto é muito pouco. O professor deve preparar os seus alunos para a vida, ensiná-los a serem eles mesmos e membros duma sociedade, deve debruçar-se sobre eles e seus problemas e conhecê-los (Pires, 1997). Compete ao professor a tarefa de fazer-ser. Não um ser técnico, mas um fazer-ser ético.

A educação em valores implica a aquisição pelos professores de competências interaccionais de relação, a implementação de um trabalho de colaboração entre professores e alunos, a criação e gestão de conflitos cognitivos e a existência de uma atmosfera democrática e participativa na sala de aula, tudo isto para que a educação seja, essencialmente, a aprendizagem do viver em comum.

O Processo de Bolonha, que contém objectivos de natureza predominantemente política, académica e de cariz sócio-económica, procura levar a grandes reformas no ensino superior, entre elas a reforma pedagógica. Esta implica uma evolução/mudança de estruturas de formação e de paradigmas pedagógicos.

Os novos métodos pedagógicos visam mudar do ensino centrado nas aulas e apontamentos do professor, para um ensino centrado na globalidade da actividade do aluno. Mudar do ensino baseado no conhecimento e informações gerais proporcionadas pelo professor em que prevalece uma relação unidireccional e onde o professor sabe, ensina, ordena e avalia e onde o aluno ignora, aprende, obedece e é avaliado, para uma aprendizagem centrada em objectivos associados a produtos de aprendizagem com uma relação bidireccional professor/estudante onde dialogam, cooperam, pensam, aprendem e avaliam. Mudar de uma transferência e reprodução de informação, para uma partilha de saberes, experiência e afectos. Mudar de um tempo de aulas para uma carga de trabalho do aluno (ECTS) (Azevedo, 2008). Mudar de um ensino baseado na transmissão de conhecimentos para um ensino baseado no desenvolvimento de competências. Bolonha procura promover experiências educativas que decorram numa atmosfera de questionabilidade levando professores e alunos à tomada de consciência de si próprio, potenciando as suas capacidades para o entendimento e para a acção.

Enquanto professores na área da saúde temos desenvolvido algumas estratégias que constituem exercícios de educação em valores. Constatamos de apresentação de casos clínicos reais ou simulados, visualização de filmes ou propostas de leituras de livros cujos conteúdos são experiências de vida. Com a leitura e as imagens os estudantes são confrontados com situações/problemas, geradoras de conflitos intrapessoais e interpessoais, sensações, afectos, significações. Um exercício de identificação de questões ético-morais dissonantes, de interpretação, despertando um espírito crítico-reflexivo e uma visão alargada e profunda do contexto social, fundamentada em princípios éticos, direitos e valores humanos fundamentais. Esta forma de fazer pensar, de interpretar e de expressarem o que pensam, é uma forma de redescoberta de cada um individualmente como pessoa e cidadão, mas também proporciona a criação de laços de compreensão de uns para com os outros e do mundo.

São estratégias que levam à consciencialização da realidade e edificam relações pelo envolvimento que proporcionam. Embora tratando-se de situações em contextos específicos, exigem uma postura dialéctica e reflexiva.

Enquanto professores, temos tido um papel sobretudo de moderador e dinamizador das situações de aprendizagem. Actuamos seleccionando a documentação, ajudando a identificar as questões ou problemas, coordenando as sessões de trabalho, estimulando a discussão, organizando as conclusões.

Temos constatado ser vantajosa a implementação de estratégias que motivam atitudes éticas, que desenvolvem o espírito crítico e reflexivo a par de atitudes afectivo-emocionais e que provocam construtivos conflitos de valores. Em suma, estratégias que desenvolvem relações humanas mais autênticas e que contribuem para a humanização da humanidade.

Educar para a cidadania é um desafio, pois implica experiências educativas que decorrem numa atmosfera de questionamento e que leva cada um, professores e estudantes, à tomada de consciência da ipseidade humana enquanto ser no mundo.

Não existe verdadeiramente um modelo de cidadão e, por conseguinte não existe um modelo de educação para a cidadania. Apesar do pluralismo de ideias existe contudo consenso de que o futuro do homem não deve ser deixado ao acaso. Formar é antes de mais uma preocupação humanista com a construção da personalidade e com o desenvolvimento de cada pessoa: capacidade de cada um se dar tal como é. Praia (1999:34) refere que “o fim último da educação para a cidadania é alfabetizar eticamente a Pessoa” sendo esta entendida como uma *praxis* fundamentadora de uma reflexão crítica.

Sem dúvida que a educação desempenha um papel regenerador da sociedade, o que faz aumentar a responsabilidade da escola, na qual é fundamental o empenho de todos os actores do processo educativo.

Bibliografia

- ANDRADE, Júlio Vaz – Os valores na educação: uma perspectiva universalizante. In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- AZEVEDO, Sebastião Feyo – O processo de Bolonha em Portugal: Dimensão essencial no esforço Nacional de Convergência Europeia. *Seminário “O Processo de Bolonha em Portugal – Presente e Futuro”*, Torre do Tombo, Lisboa, 27 de Junho de 2008.

- BLANCO, Elias – Os valores como projecto educativo e pluridisciplinar. In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- CAMPOS, Bárto Paiva – O psicólogo e o desenvolvimento pessoal e social dos alunos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6, p. 83-96, 1990.
- ENTONADO, F. Blásquez; RETAMAR, G. Maya – Valores emergente en el curriculum de la reforma educativa española. In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- FONSECA, António Manuel – Educar para o trabalho. Qual o papel da escola? In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- FONSECA, António Manuel – *Personalidade, projectos vocacionais e formação pessoal e social*. Porto: Porto Editora, 1994.
- MARQUES, Ramiro – *Valores éticos e cidadania na escola*. Lisboa: Editorial Presença, 2003.
- PEDRO, Ana Paula – *Percursos de uma educação em valores em Portugal – Influências e estratégias*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2002.
- PIRES, M. Adelaide Gregório – Educação... educadores e seus valores. In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- PRAIA, Maria – *Educação para a cidadania: teoria e práticas*. Porto: Edições Asa, Cadernos Pedagógicos, 46, 1999.
- RODRIGUEZ, E. Dominguez – Valores etico-sociales y la escuela. In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- ROSICH PLA, Célia – Estilo educativo y promocion de valores. In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- SANCHEZ PÁSCUA, Felicidad – En que valores educamos? In PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org.) – *A escola cultural e os valores*. Porto: Porto Editora, 1997.
- VALENTE, Odete – A educação para os valores. In *O ensino básico em Portugal*. Porto: Edições Asa, 1989.